

# **O ato migratório como recurso de sobrevivência psíquica:**

considerações psicanalíticas sobre brasileiros no exterior

**Bruna Mabília Lunardi**

## **Introdução**

No campo da clínica psicanalítica, cada encontro é atravessado pela marca da singularidade. Se, por um lado, os sujeitos que chegam à psicoterapia carregam histórias únicas, por outro, o próprio trabalho clínico é continuamente reinventado, situando-se em um território onde a escuta se abre para o inédito. A pandemia de Covid-19, ao deslocar a clínica para o espaço virtual, intensificou esse aspecto: novos modos de presença e ausência se instituíram, e com eles emergiu a possibilidade de atender pacientes situados em diferentes territórios geográficos, produzindo uma clínica ainda mais plural e atravessada pela experiência do estrangeiro.

Foi nesse contexto que se presentificou o meu contato com brasileiros residentes no exterior, sujeitos que, na vida adulta, realizaram o ato migratório em busca de melhores condições de vida. Entre os anos de 2020 e 2022, este público constituiu a maioria dos meus atendimentos, permanecendo até hoje como uma presença significativa na clínica. Essa experiência singular desperta o desejo de investigar, à luz da psicanálise, as dimensões inconscientes que atravessam a decisão de migrar e as marcas subjetivas que dela decorrem.

Por que alguém decide migrar, sair de seu país de origem? Esta é uma questão que cabem infinitas respostas, visto que ela sempre estará atravessada pela singularidade, pela experiência única de cada um. Contudo, neste trabalho, será abordado um recorte especial, do inconsciente, aquele que não cessa de se inscrever na minha jornada clínica. O objetivo deste estudo será compreender o ato migratório como recurso para a sobrevivência psíquica, como uma saída para a sanidade do sujeito.

Grande parte da produção científica existente acerca da migração concentra-se em perspectivas sociológicas, econômicas e culturais. Entretanto, sob o prisma psicanalítico, ainda há um campo vasto a ser explorado: como a migração, enquanto ato concreto de deslocamento geográfico, revela e convoca processos inconscientes, reorganizações defensivas e reelaborações identitárias? Se, conscientemente, a migração aparece como uma escolha racional, sustentada em projetos e objetivos de vida, na clínica percebe-se que, tempos após o deslocamento físico, emergem conteúdos inconscientes que evidenciam tanto rupturas quanto novas possibilidades de subjetivação.

Assim, este estudo propõe-se a compreender o ato migratório como recurso de sobrevivência psíquica, interrogando de que modo ele pode funcionar ora como defesa, ora como abertura para a alteridade e para novas configurações subjetivas. Nesse sentido, a migração será abordada não apenas como movimento espacial, mas como experiência que convoca o sujeito a refazer laços simbólicos, reorganizar o eu e reconstituir figuras fundamentais para sua sustentação psíquica.

Para tanto, serão utilizados recortes de vinhetas clínicas de pacientes que vivenciaram a migração e que estiveram em atendimento clínico com a autora. A fim de preservar a ética e o cuidado, foram mantidas apenas as informações estritamente necessárias e, os demais dados, foram omitidos ou modificados preservando-se o sigilo dos sujeitos citados. Os materiais clínicos apresentados serão articulados aos referenciais psicanalíticos, a partir de cinco eixos: (1) a condição do migrante como sujeito dividido, situado entre o pertencimento e a estranheza; (2) as rupturas e novas configurações simbólicas suscitadas pela migração; (3) os mecanismos de defesa e suas funções na reorganização do eu; (4) a reconstrução das figuras parentais e seu papel na sobrevivência psíquica; e (5) a transferência, a contratransferência e a figura do analista como elo simbólico com a pátria deixada para trás.

Dessa forma, este trabalho pretende contribuir para a reflexão psicanalítica acerca da migração, deslocando o olhar do campo exclusivamente social e econômico para o território do inconsciente. Trata-se, portanto, de investigar como o sujeito, diante da experiência radical de estrangeiridade, pode recriar-se, reinscrevendo sua história em novos laços simbólicos e encontrando, na psicoterapia, um espaço privilegiado para elaborar o desamparo e sustentar o desejo de continuar existindo.

### **O migrante como sujeito dividido: entre o pertencimento e a estranheza**

*Livre pra poder sorrir, sim*

*Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol*

(Música Lugar ao Sol, de Charlie Brown Jr.)

Ser um sujeito migrante implica em muitas questões, de ordens práticas e simbólicas. Ao migrar, este se depara com a realidade concreta como, um novo lugar geográfico, um território desconhecido, uma nova língua, uma nova cultura, diferentes costumes e, até mesmo, um clima estrangeiro e sabores desconhecidos, despertando novas experiências sensoriais. Não há como negar que “o diferente” salta aos olhos.

O sujeito migrante não é apenas aquele que atravessa fronteiras políticas e geográficas, é, sobretudo, alguém que encarna no corpo e na palavra a experiência de uma travessia psíquica. A psicanálise nos ensina que todo sujeito já nasce estrangeiro para si mesmo: dividido pelo inconsciente, cindido entre desejo e a lei, habitado por uma alteridade que nunca se deixa dominar inteiramente. Nesse sentido, migrar pode ser compreendido como um ato que radicaliza uma condição estrutural: ao deslocar-se para outro país, o sujeito não

apenas muda de território, mas também atualiza a sua condição de estranhamento interno (Anconi, 2021).

O migrante, ao se confrontar com o estrangeiro fora de si, reencontra também o estranho dentro de si: lembranças infantis, marcas de pertencimento, lapsos de língua e afetos que retornam de maneira inesperada. Assim, sua experiência é sempre dupla, ao mesmo tempo deslocamento geográfico e deslocamento psíquico: “Há uma ambivalência de afetos com a cidade do país de origem. Morar em Outro lugar é como habitar uma borda em que o sujeito se constitui dividido. Às vezes mais para um lado, outras vezes mais para o outro”. (Anconi, 2021, p.35).

Caracterizar o sujeito migrante à luz da psicanálise, portanto, implica vê-lo como um sujeito que não pertence inteiramente nem ao país de origem, nem ao de destino, mas que habita esse “entre” lugar. É nesse espaço de fronteira que emergem tanto sofrimentos como, desamparo, luto, angústia, mas, também novas possibilidades de invenção subjetiva. O migrante, mais do que alguém “sem casa”, é alguém convocado a reinventar a casa dentro de si, sustentando sua sobrevivência psíquica a partir de novas construções simbólicas.

Lidar com o que é estranho a si mesmo passa a ser uma realidade constante na nova morada, ao mesmo tempo em que, o sujeito carrega dentro de si toda a sua história e o que lhe é familiar. Pode-se pensar nesta dualidade como uma posição ambivalente, que concentra o sujeito neste lugar dividido. O sentimento do que é estranho, mas também familiar se impõe na experiência migratória: estar fora de casa é também reencontrar, no estrangeiro, algo que retorna de mais íntimo.

A esse respeito, Freud (1919/1996, p. 242) tece uma importante construção clínica: a de que “o estranho” contém algo de muito familiar. Ele se utilizou da origem e dos significados de tal palavra em diferentes línguas, especialmente, do Alemão (*Heimlich* e *Unheimlich* / familiar e infamiliar), para postular a sua teoria de que os termos são empregues

para se referir ao mesmo sentimento: “O que mais nos interessa nesse longo excerto é descobrir que entre os seus diferentes matizes de significado a palavra ‘*heimlich*’ exhibe um que é idêntico ao seu oposto, ‘*umheimlich*’. Assim, o que é *heimlich* vem a ser *unheimlich*”.

Ainda, Freud (1919/1996, p. 258) discorre sobre o sentimento de estranho como possibilidade de retorno do conteúdo que foi reprimido, mas escapou à repressão, “como algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz.” Essa definição oferece uma chave fecunda para pensar a experiência migratória: o brasileiro que parte em busca de uma vida melhor se depara, no exterior, não apenas com diferenças culturais objetivas, mas com a emergência de algo que lhe é íntimo e, ao mesmo tempo, não reconhecido. A língua materna que insiste, os lapsos de tradução, o sentimento de não estar plenamente em casa em nenhum lugar, todos esses fenômenos podem ser escutados, à luz da psicanálise, como manifestações do estranho.

Nesse sentido, a migração atualiza e dramatiza a condição estrutural do sujeito dividido. Podemos compreender que o sujeito migrante fala deste lugar ambivalente, onde o estranho e o familiar se misturam e se confundem, muitas vezes, sendo expressos por uma certa dúvida ou nostalgia.

Para ilustrar esse lugar, podemos citar a vinheta clínica de Evan, brasileiro, que deixou o país há quase 12 anos, atualmente, residindo na Europa. Quando decidiu deixar o Brasil pela primeira vez, tinha acabado de concluir a sua graduação, estava trabalhando satisfatoriamente em sua área e, estava prestes a se casar. Ocupava um papel central na vida da mãe. Decide interromper o rumo da sua vida repentinamente, a partir do ato migratório.

Mesmo após longos anos, Evan se pergunta constantemente por que ainda reside no exterior e não retorna. O contato com os estrangeiros lhe causa um sentimento “estranho”, pois sente que os europeus são frios e não consegue se comunicar com eles. Este lugar, apesar de parecer infamiliar, faz jus à sua história, onde, no Brasil, tem uma família distante,

desajustada entre si e uma figura materna desinvestida de vida, apagada, talvez em decorrência de ter sofrido um luto precoce do companheiro, pai de Evan, que faleceu de forma abrupta e violenta quando este último tinha 8 anos. Evan sofre com essa distância e, se faz dividido e ambivalente, na medida em que tem uma eterna dúvida se permanece no exterior ou retorna para a sua pátria. Após a morte do pai, em meio a todo desamparo que uma criança pode enfrentar com uma perda desta natureza, assumiu o papel de vitalizar a mãe, de ser “o seu suporte”. Quando decidiu sair do Brasil, essa separação geográfica, deu um outro contorno à relação, possibilitando uma chance de independência psíquica.

### **O sujeito migrante e as novas configurações simbólicas**

*Closing time, you don't have to go home*

*But you can't stay here (...)*

*Closing time, every new beginning*

*Comes from some other beginning's end*

Tradução:

*Hora de fechar, você não tem que ir pra casa*

*Mas você não pode permanecer aqui (...)*

*Hora de fechar, todo novo começo*

*Vem do fim de algum outro começo*

(Música Closing Time de Semisonic)

A decisão de morar em outro país, é, em si, um ato de coragem, e, de sobrevivência, recorte aqui adotado. Segundo Betancourt (2021, p.16), em seu livro “Psicanálise Afora”, é possível refletir sobre o fenômeno psíquico da migração como “um movimento que se situa

entre o impossível e o necessário”. O necessário sendo aqui o inevitável para a sobrevivência e sanidade do sujeito”. Impossível porque, apesar do ato de salvação, há muitas outras questões complexas, de ordem simbólica, para “dar conta”:

Em 1995 subimos naquele avião esquecendo ou talvez não sabendo que migrar significa perder, deixar para trás, ganhar, aprender tudo, quase tudo novamente.

Migrar significa reescrever o que desde o nascimento foi se acumulando em nosso balaio da experiência do mundo (Betancourt, 2021, p.16).

Quando se fala do sujeito migrante, necessariamente, significa pensarmos numa cidade de origem, do qual se deixa para trás e, um novo local, do qual ainda será habitado. Algumas vezes, a nova cidade pode já ser conhecida pelo sujeito, ter sido visitada antes, mas, na maioria das situações clínicas aqui relatadas, nenhuma experiência foi vivenciada previamente à mudança geográfica em si. Tal situação, implica em um desconhecimento que faz com o que o sujeito tente lidar imaginariamente, buscando preencher certas lacunas com a sua imaginação a partir de buscas de informações ou relatos de conhecidos a respeito do novo lugar.

Nesse sentido, Anconi (2021) nos convida a pensar na nova cidade como uma relação entre sujeito e objeto, onde o “eu” precisa investir psicologicamente. São comuns as falas idealizadas sobre o novo local e, igualmente, os lutos que se enfrentam a partir desta idealização, ao se deparar com a realidade. Ainda, a autora afirma que:

Há um investimento do eu em um objeto que se torna idealizado, antes mesmo de migrar. Esse investimento não deve ser pensado apenas como algo negativo, mesmo que ocorram frustrações depois. Ele é importante para a formação de uma narrativa a respeito do lugar desconhecido. (Anconi, 2021, p.39).

A partir desse lugar, pensar no sujeito migrante envolve refletirmos sobre as configurações simbólicas que se findam e as novas que se formam, invariavelmente, passando

por um trabalho psíquico de luto. Freud (1917/1996), em *Luto e Melancolia*, caracteriza o luto real, quando há a perda do objeto e os estados melancólicos. Em ambos os casos, está presente o trabalho de desinvestimento libidinal, onde a libido que estava ligada ao objeto perdido precisa ser retirada. Contudo, esse processo está presente nas mais diversas situações de rupturas, mesmo que simbólicas. Dunker (2023, p.21), conceitua o luto como todo o processo que envolve uma perda, necessitando de elaboração psíquica:

O luto, como veremos, não se resume à perda de uma pessoa amada, mas ele é uma espécie de paradigma genérico para pensar os destinos para a experiência humana da perda. Isso começa pela perda de nossa ligação primária com aqueles que cuidam de nós e avança rumo a um inventário que passa, por exemplo, pela perda da condição de filho único, perda da condição mítica de excepcionalidade diante do Outro e do Mundo, perda do corpo que nos teria sido possível, perda das paixões, das fases da vida, dos amigos e das convivências. Podemos perder, inclusive, aquilo que nunca realmente tivemos ou o que não foi, mas que poderia ter sido. Perda de funções e de aparências corporais, perda do sentimento de pertencimento, de familiaridade, de realidade, de temporalidade, de nacionalidade, de generidade ou de racionalidade. Perda do próprio Eu e de suas funções narcísicas e não narcísicas.

O processo de luto na experiência migratória pode ser percebido a partir da experiência de Renata, que, atualmente, reside na Europa. Renata é a filha mais velha do seu núcleo familiar. Após a morte precoce do pai, que ocorrera na sua adolescência, passou a assumir um lugar de provedora da família. Ingressou na faculdade e logo começou a trabalhar. Realizou estágios importantes na sua área de atuação e com muita facilidade.

Antes de sair do Brasil pela primeira vez, já havia deixado o seu estado de origem para uma oportunidade de trabalho. Poucos meses após a mudança, decidiu investir na sua carreira no exterior e foi bem-sucedida. Iniciou o trabalho na empresa dos sonhos, no exterior.

Relata que “esse era o sonho de criança que se realizou”. Após quatro anos da experiência migratória, inicia a psicoterapia com queixas significativas de ansiedade e isolamento social. Decorridos alguns meses, consegue verbalizar o seu sofrimento e o processo de luto subsequente à experiência migratória:

Vou fazer 40 anos e sinto que não construí nenhum patrimônio, não aproveitei essa onda de morar fora do país para construir algo. É estranho porque, apesar de gostar de morar fora, eu não sinto que a minha casa é no Brasil e nem aqui. Eu não sinto “ai, nossa, que saudade do meu estado, da minha cidade”, nada disso. Sinto saudades da minha cultura, mas não de morar lá. Sinto saudades de conversar com alguém que me entenda, mas não só o que eu falo, mas as referências que eu tenho, quando por exemplo, eu falo uma piada, ou algo que aprendi devido à minha cultura. A verdade é que não me sinto em casa nem aqui e nem lá. Eu me adapto fácil em qualquer lugar, verdade. Mas, não me sinto em casa. É complicado porque com essa ameaça de uma possível guerra por aqui e também no Brasil, a partir das ameaças que os EUA vem fazendo, é estranho. Não estamos seguros nem aqui e nem lá. Por outro lado, gosto desse olhar de fora da minha própria cultura, de fora de mim. Parece que saio de mim para me analisar, como se eu estivesse falando em terceira pessoa, mas sou eu mesmo. Eu gosto de olhar de fora e entender porque fazemos o que fazemos, gosto de pensar que no Brasil comemos feijão de um jeito, mas existe outro lugar que mistura feijão com queijo, e está tudo bem, não tem nada de errado nisso, é só uma cultura diferente. Gosto disso, de poder pensar diferente.

Nota-se, no discurso de Renata, que há um luto de um lugar perdido, de uma cultura, que apesar de ser introjetada dentro de si, se desencontra com o estrangeiro. Ao mesmo tempo, o sonho de criança se mostra real, com todas as suas dificuldades que se apresentam ao viver em um país com uma cultura diferente da nossa de origem. As idealizações caem por

terra e há uma necessidade de elaboração psíquica a partir das perdas reais e simbólicas (Dunker, 2023).

Nesse contexto, ao olharmos para o sujeito migrante como atravessado por diferentes lutos, que podem ter sido elaborados ou não, ou ainda, estar em elaboração, é necessária a compreensão psicodinâmica que esteve ou que pode estar em jogo. Segundo Freud (1917/1996), o sujeito enlutado pode ser acometido de um profundo desânimo e, de um desinvestimento libidinal no mundo, ou seja, voltar-se para si, reduzindo a sua capacidade de amar e de investir nos objetos ao seu redor. Se um processo de luto é complexo por si só, ainda que inerente à experiência humana, vivê-lo longe de seu país, de sua terra natal, pode carregar ainda mais complexidade. Pensemos, então, na psicoterapia como uma possibilidade de elaboração de tais processos psíquicos, tão complexos para a experiência humana e para os sujeitos migrantes.

### **Os mecanismos de defesa e suas funções na reorganização do eu**

*Nunca olhei pros lados*

*Pra não perder a direção*

*Nem senti meus passos*

*Na marcha cega encontro uma razão (...)*

*Deixo o sol bater na cara*

*Esqueço tudo que me faz mal*

*Deixo o sol bater no rosto*

*Que aí o desgosto se vai*

(Música Girassóis, de Cidadão Quem)

O deslocamento migratório convoca o sujeito a um trabalho intenso de reorganização do eu, mobilizando mecanismos de defesa que, longe de serem meros sintomas, operam como recursos de sobrevivência psíquica. Freud (1926/1996) em *Inibição, Sintoma e Angústia* já indicava que o eu, situado entre as exigências pulsionais e a realidade externa, lança mão de estratégias defensivas para evitar a angústia. Anna Freud (1936) reforça que os mecanismos de defesa podem ser reativados em momentos de ruptura. Para o migrante, tais mecanismos podem, não apenas servir de proteção contra a dor do desenraizamento, mas também viabilizam a construção de novas configurações subjetivas em um ambiente estrangeiro.

Nesse horizonte, pode-se apreender que a experiência psíquica da migração convoca, de modo simultâneo, a um arcabouço de fenômenos mobilizadores de afetos, rupturas, inauguração de novos laços, fantasias e identificações, que demandam a ativação de defesas para conter a angústia que tais movimentos engendram. Essa angústia, por sua vez, pode remeter àquela mais primordial, a angústia de separação do objeto, descrita por Freud (1926/1996) como angústia de desamparo, que se atualiza diante do sentimento de abandono e da perda de referências.

A esse respeito, pode-se mencionar uma série de situações concretas que, somadas às subjetivas, reforçam esse sentimento de desamparo. É o caso do sujeito migrante que, já no novo país, recebe a notícia da doença de um familiar próximo sem poder visitá-lo, seja por impedimentos legais ou financeiros. Ou ainda, do enlutado que não encontra ocasião para uma despedida concreta de seus entes. Também são comuns experiências de inacessibilidade aos sistemas de saúde do país de acolhimento, muitas vezes pouco preparados para atender populações migrantes, ou mesmo incapazes de oferecer profissionais que falem a língua materna ou a língua inglesa, agravando a sensação de estrangeiridade. São múltiplas as situações em que o sujeito se vê privado de amparo e forçado a sustentar-se sozinho.

Entretanto, não apenas as circunstâncias objetivas afetam o psiquismo. Há também as situações subjetivas de perda do objeto: rompimentos de laços afetivos, vínculos de trabalho, amizades ou relações amorosas que não resistem à distância. Todas essas situações evocam angústias que exigem a ativação de mecanismos defensivos. Neste trabalho, serão abordados os mecanismos mais comuns percebidos nos casos clínicos atendidos. Contudo, nota-se que, não há um padrão estabelecido. Cada sujeito é singular neste sentido e os apresentará, conforme a sua estrutura clínica predominantemente posta em funcionamento.

No tocante à formação e ao rompimento de vínculos, Anconi (2021) propõe pensar a relação com o novo país ou cidade como uma relação objetal, na qual o sujeito investe a sua libido. Nesse processo, observa-se o movimento de idealização/desvalorização ainda antes da partida: o país de origem passa a ser depreciado, muitas vezes qualificado como inseguro, sem oportunidades, com moeda fragilizada e sistemas sociais precários. Em contrapartida, o país de destino surge idealizado como espaço de completude, de oportunidades, de beleza e segurança, encarnando o objeto supostamente perfeito e inteiramente satisfatório.

Klein (1946/1991) nos oferece uma leitura possível para esse funcionamento. A autora mostra que, já desde o nascimento, o bebê se defronta com ansiedades oriundas da polaridade entre os instintos de vida e de morte. Frente à ameaça da pulsão de morte, o ego se defende através da clivagem (*splitting*), projetando no objeto primário, o seio materno, ora o persecutório, ora o ideal. Trata-se da chamada posição esquizo-paranóide, que, embora se refira a um funcionamento arcaico, pode deixar ressonâncias ao longo da vida. À luz da experiência migratória, o país de origem tende a ocupar o lugar do seio mau, condensando os males da existência, enquanto a nova pátria é investida como o seio bom, pleno de esperanças e promessas.

Além da clivagem do objeto, pode-se considerar a clivagem do próprio Ego. Laplanche e Pontalis (2001), ao citar a teoria freudiana, destacam que, nesse processo, não se

trata do conflito entre as instâncias psíquicas (Id e Ego), mas sim da divisão do próprio Ego, evidenciando a coexistência de atitudes dissociadas, sem articulação dialética. É o que se observa em muitos relatos de migrantes que constroem vidas radicalmente distintas no país de destino em comparação com o Brasil, chegando, por vezes, a assumir novas identidades.

O caso de Úrsula ilustra bem esse funcionamento. Vinda do norte do Brasil, com vida simples e trabalhando em um escritório, sonhava com um intercâmbio breve. Ao chegar à Europa, no entanto, inaugurou uma nova identidade homoafetiva, transformando seu estilo de vida, das roupas à linguagem, e recusando o retorno ao Brasil, que lhe parecia hostil e ameaçador. Sentia uma angústia de aniquilamento ao pensar que poderia regressar ao seu país. Durante anos, manteve duas versões de si, a Úrsula brasileira e a europeia, coexistindo em clivagem. Apenas após longo percurso terapêutico conseguiu integrar essas partes, visitar sua família e sustentar sua identidade de forma mais contínua.

Novamente, podemos citar o caso de Evan. Quando residia no Brasil, atuava como fisioterapeuta e iniciara uma carreira promissora com seus pacientes. Ao mudar de país pela primeira vez, iniciou o trabalho como motorista de família, a fim de manter o seu sustento no estrangeiro. Após longos anos, trabalhou satisfatoriamente em diferentes locais, até que, sentia que “algo estava errado ali” e desenvolveu uma certa repulsa pela atividade que realizava no novo país. Não conseguia sequer pensar em retomar a sua atividade profissional de formação, do qual gostava muito, pois exercer esse papel fora do Brasil era inconcebível, já que este remetia, inconscientemente, à retomada de uma identidade totalmente fusionada à figura materna. Durante anos viveu dividido entre o “Evan da Europa” e o “Evan do Brasil”, dissociando seu desejo profissional de sua realidade concreta. O trabalho analítico permitiu a reintegração de suas partes clivadas e a retomada da sua trajetória, exercendo a fisioterapia no estrangeiro e construindo vínculos afetivos mais saudáveis e consistentes.

Esses casos exemplificam que os mecanismos de defesa, embora possam cristalizar dissociações, também funcionam como recursos de sobrevivência psíquica, sustentando o sujeito até que novas configurações se tornem possíveis. A migração, nesse sentido, exige a mobilização criativa dessas defesas, que viabilizam a reorganização do eu diante de profundas transformações.

### **A reconstrução das figuras parentais e seu papel na sobrevivência psíquica**

*Round my hometown*

*Memories are fresh*

*'Round my hometown*

*Ooh the people I've met*

*Are the wonders of my world*

*Are the wonders of my world*

*Are the wonders of this world*

*Are the wonders of now*

Tradução:

*Em volta da minha cidade natal*

*As memórias são frescas*

*Em volta da minha cidade natal*

*Ooh, as pessoas que conheci*

*São as maravilhas do meu mundo*

*São as maravilhas do meu mundo*

*São as maravilhas deste mundo*

*São as maravilhas de agora*

(Música My Hometown Glory, de Adele)

Se partirmos da hipótese de que a migração pode se configurar como uma estratégia de sobrevivência psíquica, não apenas diante das adversidades externas, mas também de impasses internos que demandam saída e criação de novos caminhos, é possível pensar que tal sobrevivência se sustenta, muitas vezes, pela reconstrução das figuras parentais. A distância instaurada pela migração, espacial, temporal e, sobretudo, psíquica, oferece ao sujeito a possibilidade de reinscrever seus vínculos primários em outras bases, ressignificando identificações e separando-se de marcas patológicas. Não é incomum, portanto, que migrantes relatem uma melhora significativa na relação com seus familiares após a saída do país, como se o afastamento permitisse um rearranjo interno e o ensaio de novas formas de laço. Nesse intervalo entre presença e ausência, abre-se espaço para o sujeito experimentar outras modalidades de vínculo e inaugurar novas configurações subjetivas, para além da trama nuclear originária.

De acordo com Grigorieff & Macedo (2018), pode-se pensar na subjetividade do migrante como um constante “repensar-se”. Se é a partir da presença do outro que vamos nos constituindo subjetivamente, os laços sociais, não apenas os familiares, é que nos inscrevem na cultura. Nesse sentido, a alteridade sempre está em jogo. O ato migratório, ao convidar o sujeito migrante a construir novos laços, também o convoca a realizar desinvestimentos, colocando em xeque a sua própria identidade. Migração passa a ser sinônimo de reinvenção.

Neste contexto, a reconstrução das figuras parentais, não deve ser compreendida como uma imposição externa ou apenas como mera repetição de vínculos anteriores, mas também como uma estratégia inconsciente que o sujeito mobiliza diante da urgência de sobreviver psiquicamente em um ambiente estrangeiro. Esse processo, quando ocorre, pode operar como

possibilidade de reconfiguração dos vínculos objetivos patológicos, abrindo espaço para o advento de uma identidade mais própria.

Nesse percurso, a sobrevivência psíquica não se dá apenas pela manutenção ou pela idealização de imagens parentais, mas sobretudo pela capacidade de o sujeito separar-se delas, o que abre espaço para a emergência de uma identidade singular. A migração, portanto, não é apenas uma perda, mas também uma oportunidade de reorganização subjetiva, em que a alteridade é vivida não como ameaça, mas como condição para a continuidade da vida psíquica.

Segundo Winnicott (1965/2019), é a partir de um ambiente suficientemente bom, que se abre caminho para os processos psíquicos de maturação emocional, tendo como resultado a integração do Eu. Este seria o percurso psíquico ideal rumo à saúde mental. Neste sentido, pode-se pensar que o sujeito migrante, apesar de se deparar com todos os desafios da estrangeiridade, pode ter uma nova possibilidade ambiental que lhe favoreça emocionalmente. Não se trata de refazer um percurso estrutural que já deixou suas marcas no psiquismo, mas de reconfigurar, ressignificar à sua maneira, possibilitando emergir um Eu mais autêntico e integrado.

Voltemos ao caso de Úrsula, que manifestou o mecanismo defensivo de clivagem, assumindo duas identidades. Quando residia no Brasil, estava inserida em um ambiente conturbado. Era a filha caçula e temporã, o seu nascimento era contado pela mãe como “acidental”. A família já era composta por duas irmãs mais velhas e a mãe sempre desejou ter um menino. Enquanto vivia no Brasil, se considerava uma extensão da mãe, especialmente, depois da morte repentina da irmã mais velha devido a uma doença grave que a acometera. Úrsula não podia desapontar a figura materna sob a fantasia de que “ela não aguentaria”. Desenvolveu um falso self em resposta a este ambiente hostil como estratégia de sobrevivência. Ainda, segundo Winnicott (1965/2019), o falso self tem a função de proteger o

verdadeiro. A angústia sentida a partir da possibilidade deste último insurgir sem que haja maturação para tal é a de estilhaçamento. Foi a partir da migração e da psicoterapia que Úrsula teve acesso ao seu modo de funcionamento e, aos poucos, vimos emergir aspectos do verdadeiro self, mais integrado e seguro de si.

Tiele migrou para a América do Norte há 15 anos e lá se estabeleceu. Saiu do Brasil como uma promessa de prosperidade social e econômica. Após 5 anos no estrangeiro, não apresentava maiores questões sobre “a vida lá fora”. Contudo, decide buscar psicoterapia porque evidenciava repetidos ataques de raiva, aparentemente, imotivados, contra as companheiras de residência. É comum encontrarmos relatos de experiências migrantes em que, no início do processo migratório, devido às difíceis condições financeiras, os sujeitos se deparam com a necessidade de residir em casas de famílias locais ou ainda, dividir residência com outros migrantes. Este último foi o caso de Tiele. Contudo, mesmo após se estabelecer financeiramente e casar-se, continuava dividindo o espaço com outros migrantes, o que, frequentemente, causava-lhe vários aborrecimentos.

Era a filha mais velha de uma família numerosa de irmãos. No Brasil, sua casa era frequentemente habitada por muitas pessoas, não só da família nuclear: amigos dos pais, familiares de segundo e terceiro grau, funcionários da casa. Quando era criança, foi sexualmente abusada por uma destas pessoas que frequentava a residência. A situação traumática só foi recordada a partir da experiência analítica. Tiele repetia, constantemente, as cenas abusivas em casa, mas, desta vez, era ela quem se tornara a abusadora, numa tentativa inconsciente de reagir e ser ativa na situação.

Igualmente, realizava ensaios frustrados de construir uma nova família a partir dos laços afetivos de amizade. Exigia dos amigos e do parceiro uma presença afetiva constante, o que nem sempre era possível, e os ataques de raiva vinham em resposta à ausência afetiva que era sentida. Evidenciava uma perda da capacidade de estar só, em sua própria companhia.

Para que esta capacidade seja desenvolvida, é essencial que o desenvolvimento primitivo do bebê tenha ocorrido de modo suficientemente bom, com objetos satisfatórios internalizados (Winnicott, 1958/2019). Foi somente a partir da migração que estas questões emergiram e que Tiele pôde, gradativamente, rumar para a sua independência, possibilitando novos vínculos afetivos mais saudáveis e a construção de sua família (marido e filhos), ao internalizar novos objetos bons. Isso lhe possibilitou ampliar o seu campo simbólico e sustentar a própria história em novos laços.

### **A transferência, a contratransferência e a figura do analista como elo simbólico**

*Ao praticar a psicanálise estou:*

*- me mantendo vivo;*

*- me mantendo bem;*

*me mantendo desperto.*

(Winnicott, em

“Processos de amadurecimento e o ambiente facilitador”,

1962/2019, p.212)

Na clínica com migrantes, um aspecto que reiteradamente se impõe à reflexão é a escolha, por parte do sujeito, de realizar o processo psicoterapêutico com uma terapeuta brasileira majoritariamente na modalidade online. É sabido que a pandemia da Covid-19, principalmente, no Brasil, instaurou, de modo quase universal, a necessidade de adaptação ao *setting* remoto, tanto para os psicoterapeutas quanto para os pacientes. No entanto, observa-se que, mesmo antes desse período, muitos migrantes já recorriam a essa modalidade. Se, por um lado, razões práticas como a preservação da língua materna e a conveniência logística se

apresentam como justificativas evidentes, por outro, abre-se a possibilidade de interrogarmos, em termos psicanalíticos, o valor transferencial implicado nessa escolha. A manutenção da língua de origem, que remete ao registro mais primário da constituição subjetiva, parece sustentar o laço com a pátria simbólica, operando como um fio de continuidade identitária em meio ao desenraizamento próprio da experiência migratória.

É corriqueiro escutarmos dos sujeitos migrantes que a busca por um psicoterapeuta brasileiro parte “da necessidade de se falar a mesma língua”. Evan afirma com frequência que precisa de alguém que o escute em português, que entenda as suas ironias, suas expressões idiomáticas e seus modos de dizer. Renata, ao se referir ao “entre-lugar” que ocupa — não se reconhecendo inteiramente nem no Brasil, nem no novo país de residência —, relata uma cena em que, ao ouvir uma música brasileira no rádio, começa a dançar entusiasmadamente e exclama: “Olha! É Molejão!”. Em seguida, nota o olhar intrigado do parceiro europeu e, tomada por um sentimento de estranhamento, comenta: “É muito triste, ele não sabe quem é o grupo Molejo e nunca vai saber. Tudo precisa ser explicado, e quando se explica, já se perde a graça. Bate uma solidão”.

Costa (2021), ao refletir sobre a transferência dos migrantes à luz da teoria lacaniana, afirma que “a análise se faz na língua do amor”. E o amor, como sabemos, se tece a partir de desencontros. Talvez a busca por um psicoterapeuta que fale a mesma língua parta do desejo de ser plenamente compreendido — desejo impossível, já que estar inscrito na linguagem implica sempre em lidar com a falta, com o equívoco e com o outro.

Figueiredo (2022), ao teorizar sobre a virtualidade do dispositivo analítico afirma que os atendimentos remotos demandam uma certa elasticidade da técnica, conforme proposto por Ferenczi. Contudo, nesse caso, não se trata da elasticidade devido às adversidades do encontro conforme a estrutura do sujeito, mas sim às mudanças do *setting*, que estão postas antes mesmo do início do processo. O autor destaca a diferença entre mudar o enquadre por

necessidade externa, como no caso da pandemia, e fazê-lo por desejo, como ocorre com o migrante. Há, aqui, uma escolha, uma espontaneidade. Ainda, segundo Green (2019), é o “enquadre interior” do analista que sustenta a operação do dispositivo, independentemente da modalidade de atendimento.

Sob a ótica freudiana (1912/1996), a transferência representa a repetição dos primeiros objetos de amor, os quais se reatualizam no vínculo terapêutico. Nessa perspectiva, podemos pensar o psicoterapeuta brasileiro como representante simbólico da pátria, aquele que encarna o lugar de origem e, simultaneamente, permite que este seja revisitado. Essa dimensão se expressa nas pequenas referências espaciais e temporais que emergem nas sessões: “Como está o clima aí?”, “Que horas são no Brasil?”, “Aqui se fala diferente.” Tais enunciados revelam algo da tentativa do sujeito de restabelecer um eixo simbólico que o situe entre dois mundos.

Ao teorizar sobre a clínica psicanalítica on-line, Belo (2020, p.63) afirma que a distância é historicamente mobilizadora de afetos: “as cartas de amor, no entanto, são outro exemplo que demonstram como a distância também pode mobilizar afetos da ordem do amor, da excitação sexual, dentre outros. Quanto mais ausente o objeto, mais fantasias ele pode mobilizar”. Nesse sentido, a distância física que caracteriza a clínica online se articula à distância dos familiares e do país de origem, configurando talvez uma “distância ótima”, necessária ao trabalho psíquico do migrante: afastar-se para poder reencontrar-se, tomar distância para se reaproximar de si mesmo sob novas coordenadas simbólicas.

Figueiredo acrescenta que (2022, p. 48):

Somos então atraídos pelos automatismos a serviço da segurança: a segurança dos reencontros com os antigos objetos (ainda que proibidos, falhos e frustrantes), a segurança de padrões já experimentados de relação com o mundo (ainda que proibidos ou fracassados), ou apenas a segurança da pura insistência pulsional em um arcaico

‘manter-se vivo’, sobreviver. Isso engloba todo o campo do que se entende por transferência e contratransferência em jargão psicanalítico, incluindo as reedições e a compulsão às repetições quase intoleráveis.

Eizirik (2020) afirma que a beleza da transferência reside justamente nesse duplo movimento: repetir e criar. Ao permitir a reedição dos vínculos e das situações traumáticas sob uma nova luz, o trabalho analítico abre espaço para a ressignificação — um novo percurso subjetivo, em direção à sobrevivência psíquica. É no próprio encontro analítico que a transformação se torna possível: “finalmente, é o próprio encontro o único instrumento que nos permite operar essa transformação no regime temporal, essa libertação diante dos circuitos repetitivos estagnados” (Figueiredo, 2022, p. 52).

Com o andamento dos processos psicoterapêuticos, fenômenos comuns emergiram nos casos de Evan, Renata e Úrsula: a mistura entre o português e o inglês, expressada tanto em atos falhos quanto em trocas conscientes, compondo uma nova linguagem híbrida. Nenhum deles parece se preocupar se o terapeuta compreende o inglês, o que sugere que o jogo linguístico já se tornou um espaço de criação, onde o sujeito migrante pode experimentar novas formas de ser e dizer. Esse entrelaçamento de idiomas parece metaforizar a própria condição migrante: o emaranhamento entre passado e presente, origem e destino, que, elaborado na análise, permite o nascimento de um novo sujeito.

Pensemos no conceito de “espaço potencial” de Winnicott (1971/2019), onde há a existência de uma área intermediária entre o sujeito e o objeto primário, que possibilita a autonomia e a individuação. Esse espaço potencial será vivenciado por meio do brincar e, mais tarde, da vida cultural. É, propriamente, o ressurgimento e a reafirmação deste que se trata a sobrevivência psíquica. Nas palavras do autor:

(...) o paciente começa a sentir que a preocupação do terapeuta se origina não na necessidade de um dependente, mas na capacidade do terapeuta de se identificar com

o paciente a partir do sentimento ‘se eu estivesse no seu lugar...’. Em outras palavras, o amor da mãe e do terapeuta não se resume apenas a corresponder às necessidades da dependência, pois começa a oferecer ao bebê ou ao paciente a oportunidade de passar da dependência para a autonomia (Winnicott, 1971/2019, p.173).

Assim, a figura do psicoterapeuta, como elo simbólico entre o sujeito e sua pátria, não apenas acolhe a repetição, mas também a transforma em possibilidade de criação. A travessia analítica, nesse contexto, torna-se o terreno em que a separação e a perda, inerentes à experiência migratória, podem ser simbolizadas, dando origem a uma nova forma de pertencimento. É nesse movimento que se inscreve a possibilidade de uma sobrevivência psíquica, que não é retorno ao mesmo, mas a criação de um lugar outro, sustentado pelo encontro analítico e pela reconstrução de si.

## Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender a migração não apenas como um deslocamento geográfico, mas como um movimento subjetivo complexo, atravessado por perdas, reconstruções e reelaborações simbólicas. A hipótese de que a migração pode operar como uma estratégia inconsciente de sobrevivência psíquica revelou-se fecunda: diante de impasses internos e vínculos familiares marcados por experiências patológicas ou aprisionantes, o sujeito encontra, no ato migratório, uma via de separação e, simultaneamente, de reinvenção de si.

Pensar a migração como uma experiência singular, e não como mera circunstância prática, implica reconhecê-la como um acontecimento psíquico que inscreve marcas profundas no sujeito. Nesse sentido, o deslocamento territorial se articula ao deslocamento interno, em que as operações de perda, luto e simbolização se entrelaçam de modo a reconfigurar o campo das identificações e das defesas.

No campo da psicanálise, refletir sobre o funcionamento do sujeito migrante implica considerar os lutos e suas elaborações, as novas formas de vinculação e os mecanismos de defesa que emergem diante da estrangeiridade. A reconstrução dos vínculos parentais, como proposto neste trabalho, não é um efeito imposto pelas condições externas da migração, mas um trabalho interno, silencioso, e muitas vezes inconsciente, que o sujeito realiza como forma de preservar a continuidade de sua existência psíquica. O afastamento dos objetos primários abre espaço para uma elaboração simbólica dessas presenças que, antes, o mantinham aprisionado em circuitos repetitivos. A distância física torna-se, então, distância psíquica, condição necessária para que o sujeito revise suas identificações e construa novas modalidades de relação com o outro e consigo mesmo.

Conclui-se, assim, que a migração, mais do que um deslocamento geográfico, constitui uma travessia psíquica na qual o sujeito, ao afastar-se dos objetos primários, encontra a possibilidade de elaborar perdas e reinventar-se simbolicamente. Nesse percurso, a clínica psicanalítica se configura como um espaço privilegiado de reconstrução subjetiva, onde, sob transferência, o sujeito pode experimentar novas formas de estar em relação — com o psicoterapeuta, com o país de origem e com o novo território que o acolhe. É no encontro com esse outro analítico, que encarna a presença possível, que se tece a continuidade da vida psíquica e a possibilidade de um novo enraizamento simbólico.

Ao alcançar essa possibilidade de reconstrução simbólica, o sujeito passa a exercer uma forma de sobrevivência criativa — expressão que, em Winnicott (1971/2019), designa a capacidade do indivíduo de transformar a dor da perda em experiência de criação. A migração, com sua carga de rupturas e deslocamentos, pode então ser vivida não apenas como um trauma, mas como um campo fértil de simbolização. O sujeito que sobrevive psiquicamente é aquele que, em vez de se perder no desamparo, encontra na ausência um espaço de invenção; aquele que, ao separar-se, cria.

Por fim, pode-se afirmar que os objetivos propostos neste estudo foram alcançados. A investigação permitiu compreender que a migração não se limita a uma experiência externa, mas representa um movimento psíquico profundo de separação, luto e reinvenção simbólica. Demonstrou-se que o sujeito migrante, diante da perda dos referenciais originários, pode reconstruir internamente suas figuras parentais e reencontrar uma forma de continuidade psíquica por meio da simbolização e do laço transferencial. Assim, confirmou-se a hipótese inicial de que o ato migratório pode operar como uma estratégia inconsciente de sobrevivência psíquica e criação de novos modos de existência.

Cabe destacar que as reflexões e hipóteses aqui apresentadas emergem da experiência clínica singular da autora com sujeitos migrantes, sem qualquer intenção de generalização. Na

perspectiva psicanalítica, cada percurso se inscreve no campo do singular, mesmo quando ressoa em dimensões coletivas. Assim, mais do que propor verdades universais, este trabalho busca sustentar a pluralidade das experiências subjetivas e a potência que advém da escuta de cada sujeito em sua forma única de elaborar a travessia migratória.

Igualmente, a experiência pessoal da autora, que viveu fora de seu estado de origem por quase quinze anos, constitui um ponto de ressonância com os sujeitos migrantes aqui estudados e pode apresentar-se como uma limitação deste estudo. Tal vivência permite-nos analisar a questão por uma dupla perspectiva: por um lado, a aproximação afetiva com o tema pode configurar um recorte que delimita e, em certa medida, circunscreve o olhar; por outro, essa mesma proximidade torna possível uma escuta mais sensível, permeada por nuances transferenciais e contratransferenciais que enriquecem o trabalho clínico e teórico. Em última instância, é nesse entrelaçamento de experiências, onde o vivido e o escutado se tocam, que se pode afirmar: é aqui que nos encontramos.

Em termos de perspectivas futuras, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas que ampliem o diálogo entre psicanálise e campos afins, como a sociologia, a antropologia e os estudos culturais, a fim de aprofundar a compreensão das dimensões simbólicas e sociais da migração. Investigações clínicas sobre o impacto do *setting* on-line e do enquadre intercultural também se mostram promissoras, sobretudo diante do crescente número de sujeitos que vivenciam o deslocamento como condição de vida contemporânea.

Outro aspecto a ser explorado refere-se à questão do pagamento na análise, especialmente no contexto da migração. O dinheiro, enquanto significante que atravessa a relação analítica, adquire novas camadas de sentido quando o sujeito vive em outra moeda, outro tempo e outro sistema social. Pensar o pagamento como elemento simbólico da transferência, e não apenas como transação econômica, torna-se fundamental para compreender os modos pelos quais o sujeito se inscreve, ou não, no laço analítico.

Sendo assim, a clínica com migrantes não se reduz à escuta de histórias de deslocamento, mas se constitui como um ato ético de sustentação do sujeito diante da perda, da estrangeiridade e da diferença. Talvez, nesse gesto de escuta e de elaboração, resida o que há de mais genuinamente humano na experiência analítica: o reconhecimento de que sobreviver é também recriar-se, e de que, mesmo longe de casa, o sujeito pode encontrar no laço simbólico o lugar onde continuar existindo.

Dessa forma, este trabalho não pretende encerrar o debate, mas contribuir para a ampliação das reflexões sobre o sujeito migrante na clínica psicanalítica, apontando caminhos possíveis para novas escutas e produções teóricas. Portanto, quando a migração é acolhida como experiência de travessia simbólica, ela pode transformar-se em um processo criativo de sobrevivência e reconstrução de si — onde, mesmo longe de casa, o sujeito continua a existir e a se (re)fazer no campo do humano.

## Referências

- Anconi, M. R. (2021). Da cidade ideal à cidade barrada: o eu e o luto na migração. In E. R. Betancourt & M. R. Anconi (Orgs.), *Psicanálise Afora* (pp.33-50). São Paulo: Editora Blucher.
- Belo, F. (2020). *Breves apontamentos sobre atendimento virtual*. São Paulo: Zagodoni.
- Betancourt, E. dos R. (2021). Um país chamado psicanálise. In E. R. Betancourt & M. R. Anconi (Orgs.), *Psicanálise Afora* (pp.15-32). São Paulo: Editora Blucher.
- Costa, P. (2021). Análise é feita na língua do amor. In E. R. Betancourt & M. R. Anconi (Orgs.), *Psicanálise Afora* (pp. 267-280). São Paulo: Editora Blucher.
- Dunker, C. (2023). *Lutos finitos e infinitos* (3ª ed.). São Paulo: Boitempo.
- Eizirik, C. L. (2020). A transferência, um tema quase inesgotável. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(1), 49–60. Acessado em 7 de agosto de 2025, em:  
<https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/591>
- Figueiredo, L. C. (2022). *A mente do analista* (3ª ed.). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1912). A dinâmica da transferência. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 163–174). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 243–264). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Freud, S. (1919). O estranho. In. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 235–271). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 93–201). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Green, A., & Urribarri, F. (2019). *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo: diálogos*. São Paulo, SP: Editora Blucher.
- Grigorieff, A. G., & Macedo, M. M. K. (2018). Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar. *Psicologia Clínica*, 30(3), 471–492. Acessado em 29 de setembro de 2025, em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652018000300005&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652018000300005&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946–1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (P. Tamen, Trad., 4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1958). A capacidade de ficar sozinho. In. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp.34-43). Porto Alegre: Ubu Editora, 2022.
- Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade* (2ª ed.). São Paulo: Ubu Editora, 2019.

## COMENTÁRIO DE ANDREIA PONSI AO TRABALHO DE MONOGRAFIA DE BRUNA MABÍLIA LUNARDI

Bruna, muito obrigada pelo convite e agradeço, também, ao Contemporâneo pela oportunidade que nos dá destas trocas muito ricas.

Que trabalho importante, principalmente depois que nos foi liberada a possibilidade do atendimento online, sem estarmos contra as regras e normas, "sendo ilegais". Podíamos nos pensar, também, no mesmo lugar que alguns destes imigrantes que nos procuram, sem lenço e sem documento, em um lugar completamente diferente na cultura, no clima e na língua, nós no tal do online e eles no estrangeiro!

A aproximação com a possibilidade de uma reinvenção da subjetividade e a fundamentação teórica que tu construístes nos ajuda muito a compreender o que se passa em alguns destes pacientes, que vieram aos montes depois do "advento do online". Vamos entender: primeiro tu falas, no teu trabalho, que para muitos o online não era análise, não era terapia, e com a pandemia e a possibilidade de muitos pares (colegas) nossos não conseguirem sobreviver, e não pela covid, mas pelos honorários faltosos, repensou-se a técnica e o online foi liberado! Então temos o objetivo deste estudo: a sobrevivência psíquica, uma saída para a sanidade e saída para a sobrevivência.

O entre aqui me lembrou o "entre" da Psicanálise Vincular: um espaço de produção, que dá lugar às margens, ao trabalho do vínculo, o que acontece ali, conosco, na sessão. O sujeito se constitui no vínculo e se destitui. Aqui, neste caso, tu falas em fronteira, um espaço de sentimentos sofridos, um limbo habitado por estranhos, em todos os sentidos.

Os casos são ótimos, ilustrando as angústias destas pessoas, e eu pensei no não saber desta condição de estrangeiro: que lugar é o meu?

A idealização x a realidade, uma dor. A libido investida em algo, um objeto que não corresponde. As distâncias que as vidas vão tomando, aqui mulher, lá fora quem eu quero ser. Aqui fisioterapeuta, lá motorista, a não construção de um patrimônio, a repetição dos sofrimentos. Enfim, as muitas possibilidades de fechar o buraco que se abre, mas a incapacidade de fazer. Bruna propõe uma possibilidade de reorganização, mas precisamos de um ambiente suficientemente bom para integrar.

Perdido nos sonhos e na realidade, tenta se integrar para sentir-se bem e não ter muitas saudades de feijão, kkkkk. Bruna propõe Ferenczi e a elasticidade da técnica. Para Lacan, uma análise é na própria língua, mas que língua é esta? Do sujeito que está neste limbo? Ou do lugar?

Cita Eizirik com o movimento de repetir e criar, e acho que criar espaços para a integração do ser estrangeiro e saber que língua é a sua. E criar a possibilidade de continuarmos com o nosso trabalho durante a pandemia, depois a enchente e os percalços todos que vão se atravessando no nosso dia a dia, na construção da nossa subjetividade. Parafraseando a autora: "Em última

instância, é no entrelaçamento de experiências onde o vivido e o escutado se tocam que se pode afirmar: é aqui que nos encontramos, nós analistas, os pacientes, os sujeitos consigo mesmos." Obrigada.